



## Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática

### *Speakers are (not) aware of morphosyntactic variation*

Manoel Siqueira

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

manoel.siqueira77@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva observar a sensibilidade sociolinguística de falantes considerando a variação morfossintática no uso de artigo definido antes de possessivos pré-nominais, em *a sua casa* e *☞ sua casa*, e antes de antropônimos, em *vi o Pedro* e *vi ☞ Pedro*. Para tanto, questiona-se se falantes reconhecem diferenças nos usos variáveis de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos. Para responder à questão, aplicou-se um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, utilizando estímulos variáveis quanto à presença/ausência de artigo definido. A análise dos dados evidencia que falantes nem sempre reconhecem diferenças nesses contextos linguísticos, com interferência da variação nos resultados: o tempo de resposta é maior quando as sentenças são diferentes e falantes tendem a apresentar alta frequência de erro nessas sentenças. Conclui-se que falantes são conscientes da variação morfossintática no uso variável de artigo definido antes de possessivo e de antropônimo, ainda que hesitantes diante de sentenças variáveis.

**Palavras-chave:** consciência; morfossintaxe; variação.

**Abstract:** This research aims to observe the sociolinguistic sensitivity of speakers to a variation at the morphosyntactic level of the definite article before prenominal possessives, in *a sua casa* and *☞ sua casa*, and before anthroponyms, in *eu vi Pedro* and *eu vi ☞ Pedro*. Therefore, it is questioned whether speakers recognize differences in the variable uses of the definite article before possessives and anthroponyms. To answer this question, a sentence discrimination task was developed and applied to the target contexts, using variable stimuli regarding the presence/absence of a definite article. Data analysis show that speakers do not always recognize differences in these linguistic contexts, with variation interfering with the results: the response time is longer when sentences are variable and speakers tend to have a high frequency of error in those

sentences. It is concluded that speakers are aware of the morphosyntactic variation in the variable use of the definite article before possessive and anthroponym, even though they are hesitant in the face of variable sentences.

**Keywords:** awareness; morphosyntax; variation.

Recebido em 30 de setembro de 2022.

Aceito em 24 de maio de 2023.

## 1 Introdução

Investigações sociolinguísticas têm apontado uma relação entre a consciência da variação e os usos linguísticos feitos pelos falantes (CAMPBELL-KIBLER, 2009, 2010; DRAGER; KIRTLEY, 2016; FREITAG, 2020; SQUIRES, 2016), uma vez que essa consciência pode influenciar em como se comunicam e em como processam a informação linguística e social da variação.

Consciência é comumente concebida como o reconhecimento de eventos ou de experiências com a língua, podendo ser entendida, segundo Drager e Kirtley (2016), como o reconhecimento do padrão de uso feito por falantes de uma categoria social (categorias demográficas, e.g., grupos menos escolarizados), como o reconhecimento de uma variável linguística (e.g., variação na concordância verbal) e como o reconhecimento de uma relação existente entre uma categoria social e uma variante linguística (e.g., a concordância dominante feita por grupos menos escolarizados) (cf. CAMPBELL-KIBLER, 2007; LABOV, 2006[1966]; OUSHIRO, 2015).

Uma categorização frequente para a abordagem da consciência de uma variável linguística, conforme Squires (2016), é a proposta de Labov (2008[1972]), que busca compreender a relação existente entre a variação linguística, a indexação social (informações sobre quem fala) e a consciência dessa variação: variáveis linguísticas podem ser divididas entre (i) indicadores, formas linguísticas correlatas a características sociais, sem propósitos estilísticos, que não são comentadas ou mesmo notadas por falantes nativos; (ii) marcadores, formas correlatas a características sociais, estilisticamente distintas, podendo ser comentadas ou notadas, falantes não têm conhecimento metalinguístico de seu uso estilístico; e (iii) estereótipos, que, além de possuírem forte correlação com características

sociais, são alvo de metacomentários e avaliação social, tanto por meio de prescrição quanto por meio da hipercorreção, uma vez que os falantes têm conhecimento de seu correlato social e estilístico. Falantes são mais conscientes de marcadores do que de indicadores, uma vez que marcadores possuem indexação explícita sobre quem fala; e são mais conscientes de estereótipos do que de marcadores: estereótipos envolvem, além de indexação explícita, forte prescrição e metacomentários.

Como alternativa complementar para a categorização de Labov (2008), Squires (2016) propõe que a divisão de consciência em indicador/marcador/estereótipo pode ser expressa como níveis de conhecimento que os falantes têm sobre a variação. A consciência representa, em certa medida, a distinção entre conhecimento implícito vs. conhecimento explícito da variação (SQUIRES, 2016). Conhecimento implícito da variação é adquirido sem intenção, sem o falante precisar reconhecer a existência de algo; conhecimento explícito, por sua vez, é o conhecimento que o indivíduo está consciente, podendo acessar (ou não) esse conhecimento (e.g., conhecimento metalinguístico de gramática) – é preciso que haja, em momento anterior, certa instrução ou reconhecimento da variação. O conhecimento explícito da variação – a consciência – emerge a partir da exposição que o falante tem a diferenças linguísticas, nota-as e vem a compreender essas diferenças e seus usos correlacionando-os a fatores sociais (SQUIRES, 2016).

Dentro dessa proposta, com estereótipos, falantes reconhecem sua existência e sabem que há uma relação entre o traço linguístico e uma categoria social específica (SQUIRES, 2016). Eles possuem, portanto, um conhecimento explícito da variação. Com indicadores, os falantes fazem uso da variação, mas não sabem, conscientemente, que dado traço linguístico se relaciona a determinada categoria social (SQUIRES, 2016), evidenciando um conhecimento implícito. Os marcadores, por sua vez, não precisam ser alvo explícito da consciência sociolinguística, já que falantes podem considerar uma variedade de fala imprópria sem estar ciente do marcador que provocou essa atitude – a remoção desse marcador resulta no desaparecimento da atitude (cf. RÁCZ, 2013). Falantes podem ter conhecimento da variação, mesmo não tendo consciência dela, uma vez que variáveis linguísticas acima ou ao nível de consciência fazem parte do conhecimento explícito do falante, enquanto as abaixo fazem parte do conhecimento implícito.

A saliência é uma forma de observar os gradientes dessa consciência sociolinguística: quanto mais ao nível de consciência uma variante estiver, como um estereótipo, maior a chance de ser saliente e, com isso, mais perceptível pelo informante, uma vez que, segundo RácZ (2013), um traço saliente é mais visível ou perceptível para o usuário da língua. Como discute Freitag (2020, p. 4), ao seguir uma abordagem “que considera a saliência como resultado de um processo que tem como foco as implicações cognitivas da percepção social”, entende-se que a marcação cognitiva e a frequência de uso de uma variante em função de variáveis sociodemográficas controladas interferem em sua saliência: traços salientes podem ser inferidos pelas frequências de uso em função de variáveis sociodemográficas controladas em estudos observacionais (FREITAG, 2018), como também do esforço de processamento feito pelo falante ao ser exposto a esses traços (e.g., diferença no material fônico e/ou morfológico entre as variantes) (cf. FREITAG, 2018).

O nível de consciência também pode depender do nível linguístico no qual a variação se encontra, uma vez que se tem argumentado que variáveis (morfo)sintáticas são menos sujeitas à avaliação social do que as fonológicas (cf. LABOV, 1993, 2001; MOORE, 2021; ROMAINE, 2017[1981]). Falantes seriam menos conscientes de variáveis morfossintáticas do que de variáveis fonético-fonológicas, em decorrência principalmente, da pouca percepção atribuída a essas variáveis ou da existência do não prescritivismo sobre as formas<sup>1</sup> (cf. MOORE, 2021). Seria necessária a existência de uma força prescritivista para que falantes se tornem conscientes de variáveis morfossintáticas<sup>2</sup> (e.g., concordância verbal e nominal) – para que a variação seja parte de seu conhecimento explícito. A ausência de prescritivismo pode levar falantes a não reagirem a fenômenos morfossintáticos variáveis – parte do conhecimento implícito.

Não obstante, existem outros fatores, além do nível linguístico, que podem interagir com o reconhecimento da variação, incluindo o

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes sobre problemas teórico-metodológicos na descrição da variação em níveis gramaticais mais altos, recomenda-se a leitura de Milroy e Gordon (2003), Freitag (2009) e Moore (2021).

<sup>2</sup> Conforme aponta Moore (2021), muitos dos fenômenos morfossintáticos descritos podem ser classificados como ‘fora do padrão’, frente à divergência dos padrões escritos, mas eles não são necessariamente usados para distinguir grupos socialmente estratificados de maneiras que são facilmente ligadas ao estigma e ao prestígio.

contexto social de uso e o plano geográfico (cf. LEVON; BUCHSTALLER, 2015). Na língua, por exemplo, há fenômenos morfossintáticos que podem ser salientes por força dialetal, não sendo necessário efeito prescritivo, uma vez que o nível de consciência também depende da circunstância geográfica na qual se localiza o falante (FREITAG, 2018). Inseridos em uma nova comunidade, decorrente de processos de migração e mobilidade, falantes podem, através do contato<sup>3</sup>, reconhecer variantes linguísticas em relação as quais, até então, não estavam conscientes (cf. TRUDGILL, 1986), como um traço distintivo entre sua comunidade de origem e a nova (e.g., palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ – tia e dia). A variação morfossintática, com isso, pode se tornar parte da consciência do falante, parte de seu conhecimento explícito. É o caso do uso de artigo definido antes de possessivos pré-nominais, em (1), e antes de antropônimos – nomes próprios –, em (2), fenômenos para os quais estudos observacionais apontam um efeito da saliência por força dialetal (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

- (1) a. **minha amiga** ela andava em uma velocidade segura (30ent.UFS SaoCristovao2020\_desl2\_final\_isa\_engpetrolio.fs.21);<sup>4</sup>  
 b. e desde **os meus doze anos** eu não percebi o que era assédio (30ent.UFS-SaoCristovao2020\_desl2\_final\_isa\_engpetrolio.fs.21).
- (2) a. não fez lá não **Neto** tá fazendo na fisiologia não tá? (12int.SaoCristovao2018\_gab.ms.21-car.ms.21);  
 b. tem um tempão que ele inferniza **o Leury** mas veja só isso (06int.SaoCristovao2018\_van.fs.37-lea.ms.23).

<sup>3</sup> Contato linguístico é entendido como o processo pelo qual falantes de diferentes variedades/línguas interagem entre si e, a partir disso, são expostos a traços linguísticos distintivos de sua própria variedade/língua (cf. TRUDGILL, 1986).

<sup>4</sup> Os excertos com identificação são extraídos de dados reais de fala retirados do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Os exemplos sobre a variação na ausência/presença de artigo antes de possessivo são extraídos da amostra Deslocamentos (2020) (cf. SILVA, 2020). Os exemplos sobre a variação na ausência/presença de artigo antes de nome próprio são extraídos da amostra Grupo de Pesquisa em Educação Física (2019) (cf. SANTANA, 2019).

Em (1) e (2), há a alternância no uso do artigo definido. Em (1a) e (2a), o artigo está ausente; em (1b) e (2b), o artigo está presente. As duas formas alternantes são intercambiáveis, uma vez que dizem a mesma coisa de diferentes formas, configurando-se como variáveis linguísticas (cf. LABOV, 2008[1972]), e representam um marcador dialetal – formas linguísticas que distinguem dialetos.<sup>5</sup>

O reconhecimento da variação pode ocorrer a partir da exposição a diferenças, com efeito da força dialetal, evidenciado pela mudança linguística. Falantes, ao migrarem para uma nova comunidade, entram em contato com variantes linguísticas que não fazem parte do padrão linguístico de sua comunidade (cf. TRUDGILL, 1986), e, a partir desse contato, começam a se comportar linguisticamente mais próximo ao novo padrão, o que ocorre com o uso variável de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2021). É possível, então, que, frente a variação nesses contextos morfossintáticos, os quais são dialetalmente salientes, ocorra a emergência do conhecimento implícito do indivíduo para a sua consciência. Esse conhecimento implícito se torna, então, explícito.

Uma vez que falantes têm conhecimento da variação, mesmo não sendo explícito, esta pesquisa parte da seguinte questão: falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos? Levanta-se como hipótese a ideia de que, quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos morfossintáticos variáveis, haverá o reconhecimento da variação, uma vez que a consciência da variação emerge a partir das experiências dos falantes com a língua. Para responder à questão e confirmar/refutar a hipótese, foi desenvolvido e aplicado um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, utilizando sentenças com a presença/ausência de artigo definido, nas quais os possessivos e antropônimos se encontram em diferentes posições da sentença. Em face dessa questão, esta pesquisa objetiva observar a sensibilidade sociolinguística de falantes considerando a variação ao nível morfossintático por meio da aplicação de uma tarefa de discriminação

---

<sup>5</sup> Considera-se dialeto como uma variedade (tipo de língua considerada como entidade única) que pode ser caracterizada por pronúncia, léxico e morfossintaxe distinta de outras variedades (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004).

de sentenças, permitindo apresentar a evidência experimental como pista indireta da consciência da variação morfossintática.

## 2 O uso de artigo definido em dois contextos linguísticos

O português brasileiro apresenta um padrão no qual os nomes (N) que fazem parte de sua gramática são antecidos por elementos rotulados como determinantes (DET), termo que designa todos os elementos que precedem os nomes (com exceção do adjetivo) em um sintagma, alocados à sua esquerda, com suas próprias funções e comportamento morfossintático (GIVÓN, 2001a), como (3).

- (3) o cachorro quebrou dois brinquedos que aquele menino lhe deu. Todo brinquedo ele quebra com seus dentes.

o-DET cachorro-N quebrou dois-DET brinquedos-N que aquele-DET menino-N o deu. Todo-DET brinquedo-N ele quebra com seus-DET dentes-N.

No exemplo, os elementos *o*, *dois*, *aquele*, *todo* e *seu*, que antecidem os nomes, compõem as classes dos artigos definidos, numerais, demonstrativos, quantificadores e possessivos, respectivamente, formas determinantes. Em termos semânticos, os determinantes operam sobre os nomes, com a função de determinação, usados para especificar ou restringir o domínio de referência<sup>6</sup> dos nomes para referentes únicos e individuais (GIVÓN, 2001b), como (4).

- (4) O motorista não olhou para frente e bateu.  
(5) Motoristas dirigem rápido.  
(6) Motorista precisa estar atento.

A inserção do determinante *o* antes do nome *motorista* limita a sua extensão para um referente específico e individual. Não são vários

---

<sup>6</sup> Referência é uma propriedade semântica dos nominais da língua que envolve a intenção do falante em se referir ou significar uma expressão nominal para existir em um universo particular do discurso (GIVÓN, 1978).

motoristas, como em (5), ou de motorista no sentido genérico<sup>7</sup>, em (6), mas sim de um motorista único e individual: “essa especificação é necessária porque os nomes, ao contrário dos pronomes e nomes próprios, não se referem a entidades exclusivas” (GIVÓN, 2001b, p. 1), necessitando de modificações adicionais para se tornarem expressões de referência únicas.

Em termos sintáticos, os determinantes tendem a preceder o núcleo nominal ou o nome (GIVÓN, 2001b), sendo possível a realização de mais de um determinante no mesmo sintagma, como em (7). Contudo, parece haver a necessidade de coocorrência do artigo definido com outros determinantes para que o referente se torne único e individual, visto que a sua remoção pode gerar mudanças semânticas ou agramaticalidade, como também alteração na definitude do nome – quando o falante assume que o referente é único e identificável pelo ouvinte (GIVÓN, 1978).

(7) Todos os seus quatro irmãos chegaram.

(8) \*Todos quatro irmãos chegaram.

(9) \*Todos irmãos chegaram.

(10) Quatro irmãos chegaram.

(11) Os irmãos chegaram.

Os exemplos (8) e (9) apresentam sentenças agramaticais. É necessário o uso do artigo para que essas sentenças sejam gramaticais. A remoção do artigo antes do numeral em (10) altera o sentido do nome: embora limite a sua extensão, o sentido é indefinido – sem referência específica. Em (11), apenas a realização do artigo definido é suficiente para que a sentença seja gramatical e o referente definido.

No entanto, mudanças semânticas ou agramaticalidade parecem não ocorrer com possessivos pré-nominais – possessivos que antecedem nomes – e com antropônimos – nomes próprios –, que normalmente coocorrem com artigos definidos em português brasileiro, como de (12) a (15).

(12) As nossas férias começam na próxima semana.

<sup>7</sup> Há de se observar, contudo, a existência de casos nos quais, mesmo com o artigo, a expressão referencial admite leitura genérica, ex: *o motorista bom é aquele que segue a legislação de trânsito*.



- (13)    ⊗ Nossas férias começam na próxima semana.
- (14)    Eu não vi o Pedro na festa.
- (15)    Eu não vi ⊗ Pedro na festa.

O determinante *as* em (12) antecede o possessivo pré-nominal *nossas*, havendo a presença de artigo definido, enquanto em (13) há apenas o possessivo antecedendo o nome. Do mesmo modo, o determinante *o* em (14) antecede o antropônimo *Pedro*, enquanto em (15) não há nenhum elemento no SN antepondo o nome próprio. Com base nesses exemplos, podemos dizer que duas formas alternantes são possíveis nos contextos exemplificados de (12) a (15) e aparentam ser intercambiáveis, uma vez que dizem a mesma coisa de diferentes formas. Um mesmo fenômeno linguístico variável que ocorre em dois contextos linguísticos distintos (antes de pronome possessivo e antes de nome próprio).

Nenhum dos contextos linguísticos apresenta prescrição quanto ao seu uso. Comentários sobre a variação em compêndios gramaticais tendem a ser relativos a aspectos semântico-pragmáticos da variação. No contexto de possessivos, Said Ali (1931) explica que o uso do artigo determinante junto a possessivos adjuntos age como um reforço, visto que o possessivo aliado ao artigo deveria melhor determinar o nome a que ele se refere, como também chamar a atenção antes para o possuidor do que para a coisa que era possuída. Na mesma linha, Cunha e Cintra (2008) explicam que a escolha do uso do artigo desempenha uma clara distinção significativa: a ausência passa uma simples ideia de posse; já com a presença, “faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 228). No contexto de antropônimos, Said Ali (1931) explica que se usa artigo antes de nomes próprios quando a pessoa é conhecida pelo falante e ouvinte, e que ele é apagado quando o falante pressupõe que o ouvinte não conhece a pessoa referida. Bechara (2015) argumenta que, antes de nome próprio, o artigo pode ser dispensado, uma vez que aquele já possui, por si só, valor individual, não necessitando do artigo para isso. Seu uso seria para exercer função estilística.

Na Sociolinguística, estudos observacionais evidenciam que há dois grupos de fatores condicionantes para a variação nos usos de

artigo nesses contextos: de um lado, um condicionamento linguístico, de ordem estrutural e semântico-pragmática; do outro, um condicionamento social, de ordem diatópica – variação de acordo com o local ou a região geográfica do falante (cf. CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 1982; 1998a; 1998b; SIQUEIRA, 2020; SILVA, 2020).

Do ponto de vista linguístico, tanto com possessivos quanto com antropônimos, há influência estrutural do tipo de sintagma no qual se insere o nominal – com conseqüente influência do tipo de preposição e da função sintática: sintagmas preposicionais levam a um maior uso de artigo; semântico-pragmaticamente, há interferência do valor semântico do SN e do *status* informacional: a presença de artigo é maior com informações dadas e, exclusivamente a possessivos, com valores semânticos não-humanos (CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 1982; 1998a; 1998b; SIQUEIRA, 2020; SILVA, 2020).

Do ponto de vista social, as pesquisas evidenciam que, quanto mais ao Nordeste do Brasil, maior a frequência do não uso do artigo, enquanto ao Sul e Sudeste há maior frequência para a presença (CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; PEREIRA, 2017; SILVA, 2020; SIQUEIRA, 2020). O efeito da força dialetal é evidenciado pela mudança na língua ao nível do indivíduo (cf. TRUDGILL, 1986): no uso variável de artigo, falantes, ao migrarem para uma comunidade na qual a tendência de uso do artigo é diferente da de sua comunidade de origem, podem se comportar, do ponto de vista linguístico, de forma semelhante à nova região do que em relação à sua região de origem (GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

A variação, em ambos os contextos, não sofre força de prescrição, isto é, o fenômeno não é saliente por força prescritiva. Contudo, diferentes padrões de uso podem ser observados a depender da região do falante: a variação é dialetalmente saliente. Se isso ocorre, é possível que, em virtude da variação morfossintática nesses contextos, falantes reconheçam os padrões variáveis, evidenciando uma consciência da variação – um conhecimento explícito. A utilização de método experimental ajuda na obtenção de evidências externas para a existência dessa consciência.

### 3 Experimento

Uma vez que se tem argumentando que variáveis morfossintáticas são menos sujeitas à avaliação social do que fonético-fonológicas (cf. LABOV, 1993, 2001; MOORE, 2021), e que há fatores (linguísticos e sociais) que podem interagir com variação no uso de artigo definido nos contextos evidenciados e em sua saliência, a presente pesquisa questiona se falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos, de modo a apontar indícios da existência da variação em sua consciência. Levanta-se como hipótese a ideia de que, quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos do fenômeno variável, haverá o reconhecimento da variação, uma vez que a consciência da variação emerge a partir das experiências dos falantes com a língua.

Para responder à questão, foi desenvolvido e aplicado um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, possessivos em (16) e antropônimos em (17), utilizando sentenças com a presença/ausência de artigo definido, nas quais os contextos-alvo encontram-se em diferentes posições da sentença.

- (16) a. **minha** amiga ela andava em uma velocidade segura (30ent.UFS-SaoCristovao2020\_desl2\_final\_isa\_engpetrolio.fs.21);
- b. e desde **os meus** doze anos eu não percebi o que era assédio (30ent.UFS-SaoCristovao2020\_desl2\_final\_isa\_engpetrolio.fs.21).
- (17) a. não fez lá não **Neto** tá fazendo na fisiologia não tá? (12int.SaoCristovao2018\_gab.ms.21-car.ms.21);
- b. tem um tempão que ele inferniza **o Leury** mas veja só isso (06int.SaoCristovao2018\_van.fs.37-lea.ms.23).

Duas variáveis dependentes foram escolhidas para buscar responder à questão de pesquisa: 1. Tempo de resposta (numérica e contínua); e 2. Resposta (nominal e categórica). Essas variáveis resultam em duas hipóteses, que se relacionam com a hipótese principal desta pesquisa:

- (i) A maior quantidade de tempo necessária para a resposta é indício de que falantes são hesitantes na identificação da variação nos contextos morfossintáticos elencados nesta pesquisa, como também podem ser hesitantes para identificar sentenças iguais, por não reconhecerem essa igualdade;
- (ii) A frequência de erros em sentenças diferentes é indício de que falantes nem sempre são capazes de reconhecer a existência de construções distintas para o uso variável de artigo antes de possessivo e de antropônimo. A frequência de erros em sentenças iguais pode ser indício do não reconhecimento de igualdade entre as sentenças.

As duas variáveis dependentes proveem evidências externas para a (não) existência da variação na consciência dos participantes da pesquisa. As variáveis independentes, por sua vez, são controladas de modo a observar quais fatores podem interferir no (não) reconhecimento da variação, que são de natureza linguística e social.

As variáveis de natureza linguística são: 1. Tipo de sentença (2 níveis); 2. Presença/ausência de artigo definido (3 níveis); e 3. Posição do SN alvo na sentença (2 níveis). A variável independente social é: 1. Área de residência (Alagoas, Bahia, São Paulo e Sergipe), definida *a posteriori*, dado o caráter regional da variação e ao fato de que falantes de diferentes regiões apresentam diferentes padrões de uso para a variação. Para cada variável independente, toma-se como hipótese que há diferença significativa entre as condições com e sem variação com base nos possíveis fatores interferentes.

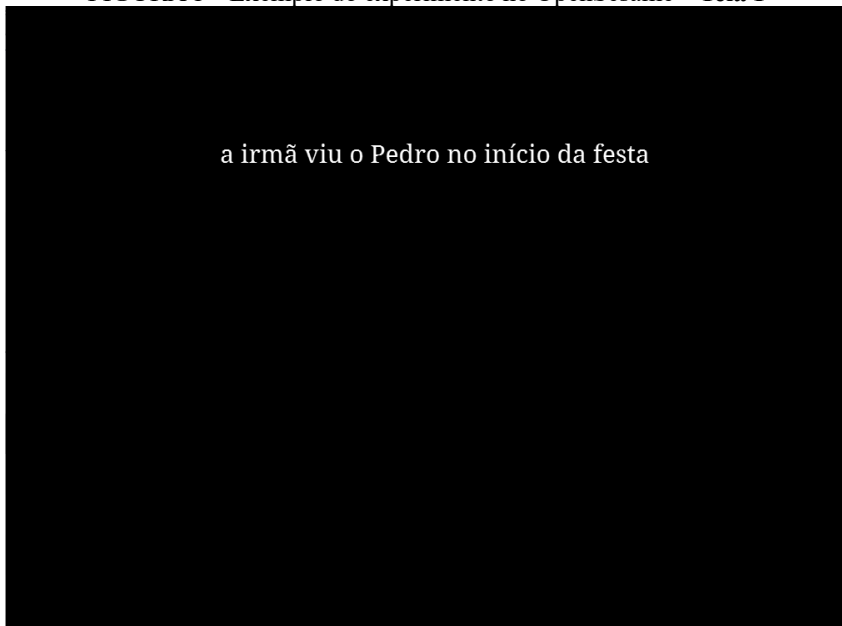
### 3.1 Design do experimento

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Sergipe (CAAE 61561322.0.0000.5546). A tarefa proposta para o participante era detectar a repetição de sentenças (que podem ou não ser iguais) com as variáveis morfossintáticas alvo. Cada sentença ficou na tela por 3000ms durante o experimento. O tempo foi definido após a testagem do experimento: 5 participantes respondiam com tempos variados para identificar qual seria o tempo mais adequado. Ao final, o tempo de 3000ms foi suficiente para a leitura das sentenças. Após a apresentação de ambas as sentenças, os participantes foram solicitados a responder, na tela em sequência, se as sentenças eram iguais (tecla s) ou não (tecla n) (Figura 1). Uma nova sequência de sentenças só era iniciada

após o participante responder à questão. As sentenças foram inseridas em locais diferentes da tela, para evitar efeitos de memorização visual.

O experimento foi desenvolvido na plataforma OpenSesame (MATHÔT; SCHREIJ; THEEUWES, 2012) e aplicado de forma *on-line* por meio do JATOS (LANGE; KÜHN; FILEVICH, 2015), um servidor gratuito para hospedar experimentos. Os participantes só poderiam responder o experimento por meio de aparelho computador/notebook.

FIGURA 1 – Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 1



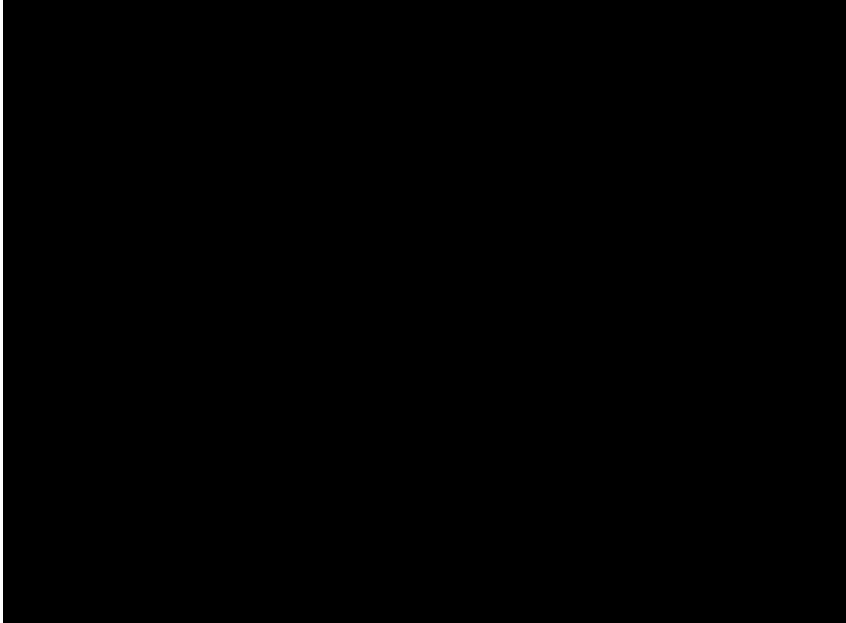
**FIGURA 2 – Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 2**

FIGURA 3- Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 3

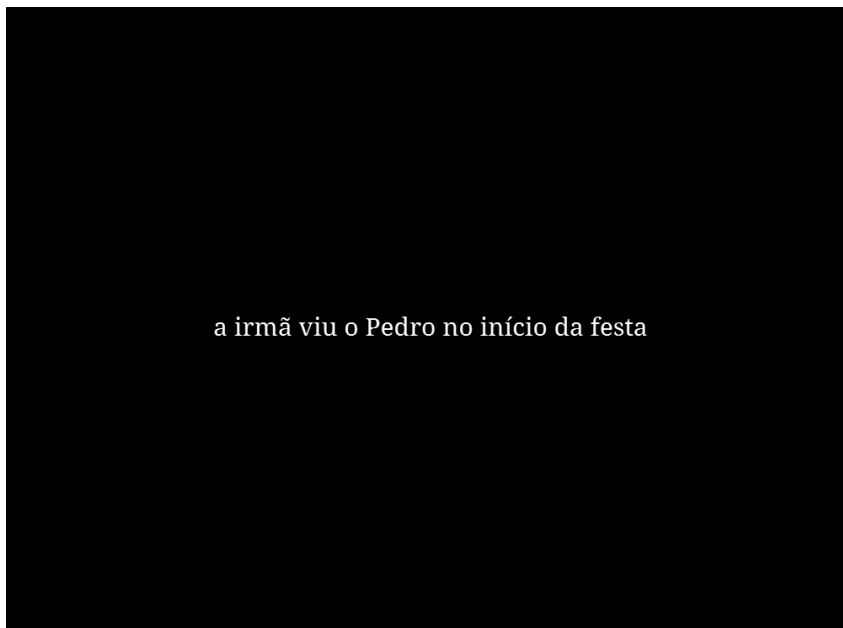
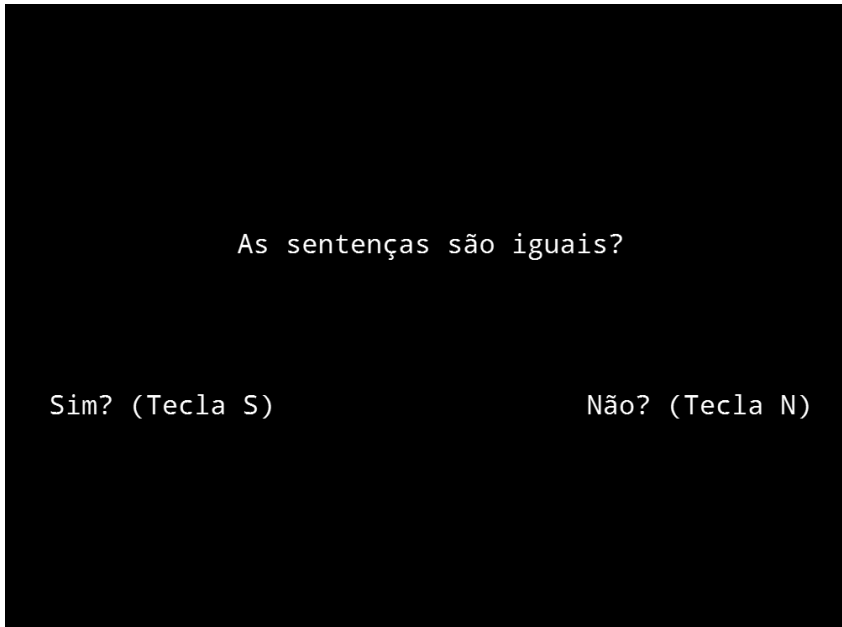


FIGURA 4 - Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 4



As sentenças são apresentadas de acordo com as possibilidades de ocorrência das variantes. As condições controladas são as de (i) sentenças iguais com artigo no meio da sentença; (ii) sentenças iguais sem artigo no meio da sentença; (iii) sentenças diferentes no meio da sentença; (iv) sentenças iguais com artigo no final da sentença; (v) sentenças iguais sem artigo no final da sentença; e (vi) sentenças diferentes no final da sentença (Quadro 1). Por questões de simplificação, as condições serão nomeadas como “iguais” e “diferentes”. As condições permitem capturar a sensibilidade dos falantes considerando diferentes padrões de uso.



Quadro 1: Condições experimentais para a tarefa de discriminação

Condição	Exemplos
<p>Iguais com artigo no meio da sentença</p>	<p><b>Possessivo</b> o jovem encontrou <b>a sua</b> namorada na festa sábado/ o mecânico arrumou <b>o nosso</b> carro antes de viajarmos.</p> <p><b>Antropônimo</b> a irmã viu <b>o Pedro</b> no início da festa/ o gato avistou <b>o Lucas</b> quando ele chegou.</p>
<p>Iguais sem artigo no meio da sentença</p>	<p><b>Possessivo</b> o menino quebrou <b>seu</b> celular quando ele caiu/ quarta eu vi <b>sua</b> namorada passeando na praça.</p> <p><b>Antropônimo</b> sábado não notei <b>João</b> quando passei por ele/ a avó abençoou <b>Mateus</b> ao pedir a benção.</p>
<p>Diferentes no meio da sentença</p>	<p><b>Possessivo</b> ontem eu avistei <b>(o) nosso</b> pai andando de máscara/ eu não comprei <b>(a) nossa</b> janta no mesmo restaurante.</p> <p><b>Antropônimo</b> o padrasto encontrou <b>(o) Carlos</b> na festa da amiga/ a professora reprovou <b>(a) Maria</b> por muitas notas baixas.</p>
<p>Iguais com artigo no final da sentença</p>	<p><b>Possessivo</b> elas estavam andando quando viram <b>o nosso</b> amigo/ a garota chorou muito ao ler <b>o seu</b> livro.</p> <p><b>Antropônimo</b> o cavalo fugiu do dono e derrubou <b>o Marcos</b>/ o menino passou de ano porque ouviu <b>o Marcelo</b>.</p>

Iguais sem artigo no final da sentença	<p><b>Possessivo</b> a menina tropeçou porque não viu <b>sua</b> mochila/ o cachorro se perdeu porque rasgou <b>sua</b> coleira.</p> <p><b>Antropônimo</b> o motorista bêbado não viu e atropelou <b>Mateus</b>/ a criança brincando com a faca cortou <b>Victor</b>.</p>
Diferentes no final da sentença	<p><b>Possessivo</b> eu já estava triste quando encontrei <b>(o) meu</b> celular/ o professor sabe quem causou <b>(o) sua</b> demissão.</p> <p><b>Antropônimo</b> a criança não fez o que <b>(o) João</b> pediu/ as frias palavras da menina destruíram <b>(o) Marcos</b>.</p>

Ao todo, foram apresentadas 48 sentenças para os participantes: 24 estímulos e 24 distratores. Todas as sentenças têm entre 8-9 palavras (9 com o artigo, 8 sem). A condição no início da frase não foi considerada devido à necessidade do uso de letras maiúsculas em nomes próprios, o que poderia interferir no resultado. Não foram inseridos outros contextos linguísticos que poderiam interferir nos resultados, como contextos i) nos quais há preposição (do meu irmão/do Pedro) e ii) nos quais a última letra da palavra anterior pode ser assimilada com o artigo (traga a minha roupa/quando o Pedro).

### 3.2 Participantes

Participaram desta pesquisa, de forma voluntária e remota, 57 falantes, todos maiores de idade, oriundos de Alagoas (n=28), Bahia (n=6), São Paulo (n=5) e Sergipe (n=18), distribuídos de forma aleatória quanto a sexo (masculino n=28; feminino n=29) e idade ( $MD = 26.5$ ). Não houve registro quanto à escolaridade do falante. Considerando o caráter dialetal da variação, o controle da região dos praticantes pode acrescentar mais evidências externas para a sensibilidade dos falantes sobre os usos variáveis do artigo antes de possessivos e antropônimos (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

Os falantes foram abordados por meio de redes sociais e redes de contato, como também a partir da conveniência e acessibilidade.

### 3.3 Procedimentos de análise

As análises estatísticas dos dados foram feitas na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), na interface RStudio (RSTUDIO TEAM, 2015), por meio do pacote estatístico e de visualização gráfica ggstatsplot (PATIL, 2021), que apresenta a distribuição da variável dependente em relação às variáveis independentes controladas por meio de gráficos. Os gráficos gerados já apresentam análises estatísticas. Para todas as análises conduzidas, o nível de significância foi fixado em  $p < 0.05$ , de acordo com o estipulado nas pesquisas da área das ciências cognitivas.

Para a análise da variável dependente numérica (tempo de resposta), foram utilizadas as medianas<sup>8</sup> e testes de hipótese não-paramétricos, por causa da distribuição não normal dos dados ( $p < 0.001$ ): o teste U de Mann-Whitney, quando houver apenas dois grupos, e o teste de Kruskal-Wallis, quando houver mais de dois grupos. Para a análise da variável dependente categórica (resposta), foi utilizado teste de hipótese que permite observar a relação entre o resultado e a distribuição esperada para o fenômeno: teste de qui-quadrado de Pearson. A análise do tempo de resposta foi feita sobre todas as respostas, uma vez que a análise sobre a variável numérica não buscou contrastar o tempo de resposta com os “acertos” ou “erros” dos participantes do experimento.

## 4 Descrição e análise dos dados

### 4.1 Variável dependente numérica: tempo de resposta

A mediana do tempo de resposta do contexto de antropônimo ( $Mdn = 929.5$ ) é menor do que a de possessivo ( $Mdn = 950$ ).<sup>9</sup> Um teste de Mann-Whitney foi conduzido para observar a significância entre as

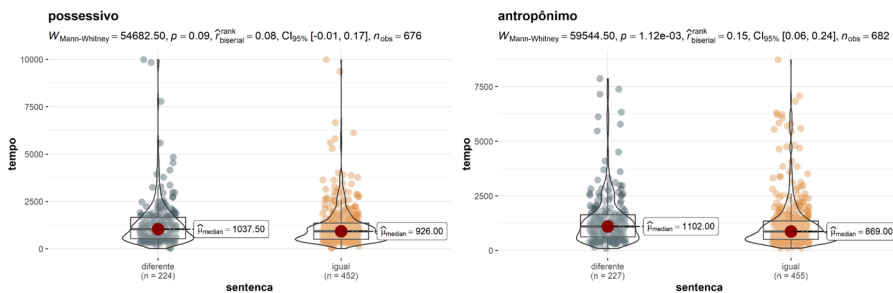
---

<sup>8</sup> A utilização da mediana se justifica pela distribuição dos dados: com a distribuição assimétrica, a média é afetada por mudanças no centro de distribuição, enquanto a mediana permanece refletindo, mais confiavelmente, o centro da distribuição.

<sup>9</sup> Os dados da variável tempo de resposta apresentam muitos *outliers*. Por exemplo, há uma resposta de mais de 400000ms, resultado, provavelmente, da distração do participante. A remoção foi feita considerando o tempo de 10000ms como máximo, por ser uma aproximação do valor da mediana geral multiplicada por 10, tempo suficiente para uma resposta satisfatória do participante. Com a remoção dos *outliers*, os testes estatísticos seguem a mesma tendência.

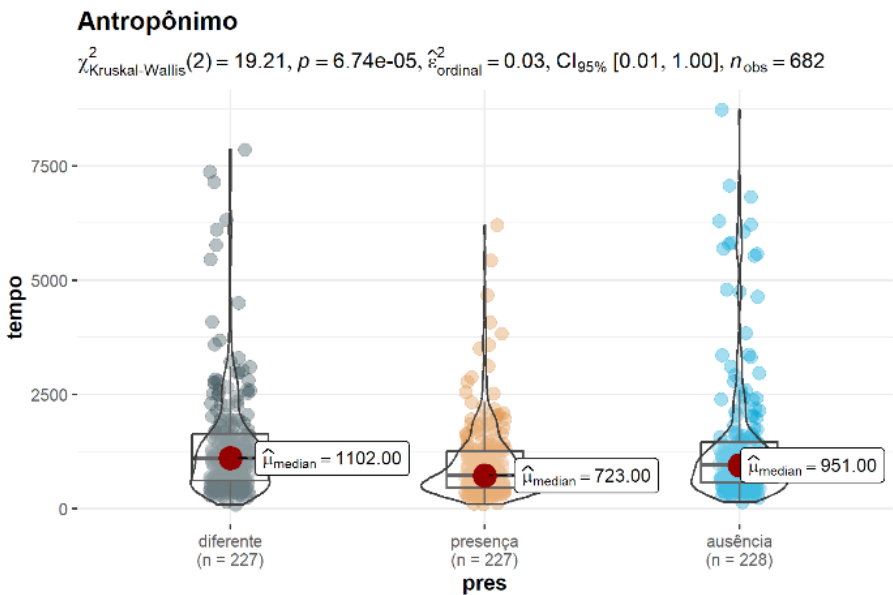
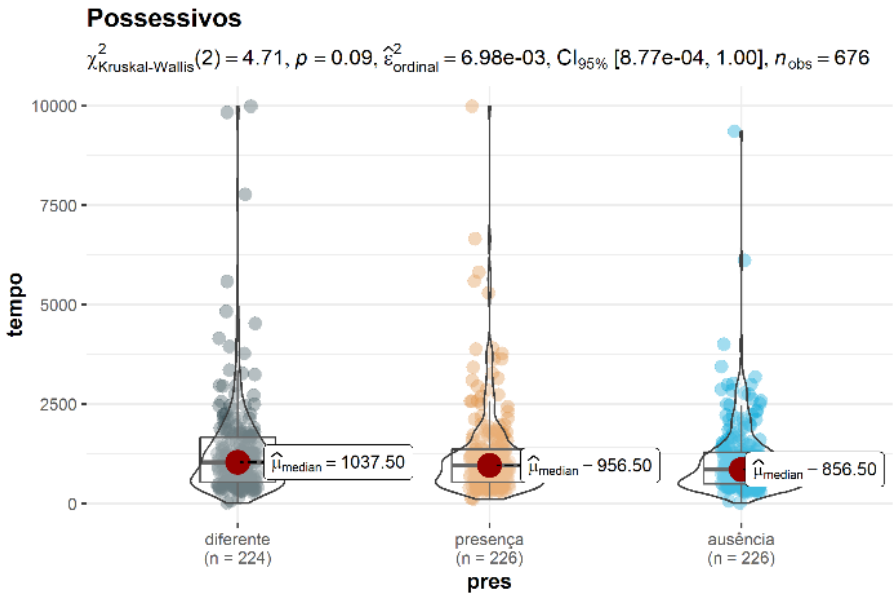
diferenças nos tempos e demonstrou que não há significância estatística ( $W=230404$ ,  $p=0.99$ ). A distribuição dos dados, contudo, desconsiderou as diferentes organizações de cada contexto linguístico, que devem apresentar resultados distintos para as medianas. A variável independente tipo de sentença pode acrescentar informações (Figura 5).

FIGURA 5 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente tipo de sentença no contexto de possessivo e de antropônimo



No contexto de possessivos, o teste de Mann-Whitney ( $W=54682.50$ ,  $p=0.09$ ) evidencia que não há diferença estatisticamente significativa entre os tempos de respostas das sentenças diferentes ( $Mdn=1037.50$ ) e das sentenças iguais ( $Mdn=926$ ). Com antropônimos, por outro lado, há diferenças significativas ( $W=59544.50$ ,  $p<0.001$ ), uma vez que o tempo de resposta em sentenças diferentes ( $Mdn=1102$ ) é maior do que o tempo de sentenças iguais ( $Mdn=869$ ). Falantes são mais hesitantes em suas respostas quando a sentença com antropônimo é diferente. Certamente, em sentenças iguais, pode haver efeito entre as sentenças com e sem artigo definido, o que resulta no controle da variável presença/ausência de artigo (Figura 6).

FIGURA 6 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente presença/ausência de artigo no contexto de possessivo e de antropônimo



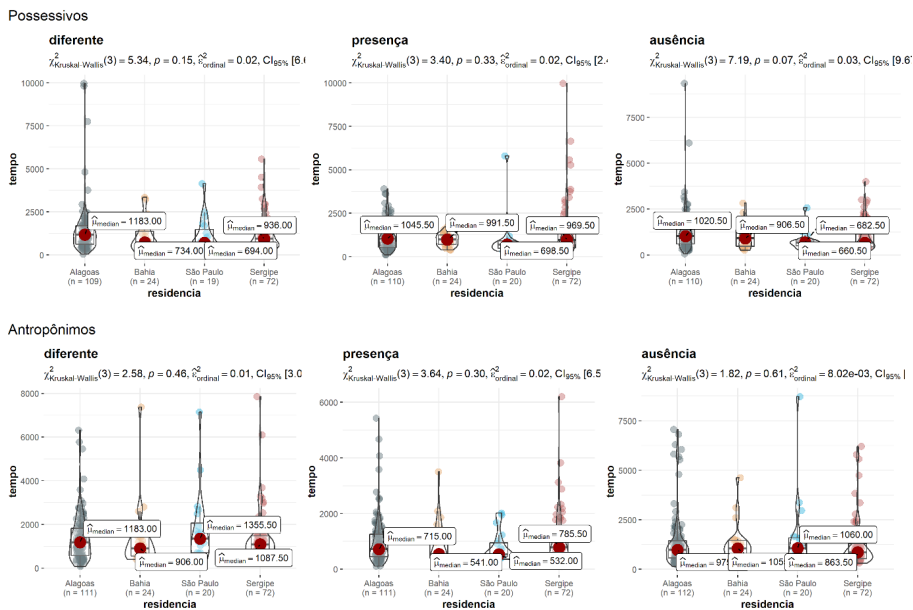
Com possessivos, o teste de Kruskal-Wallis ( $\chi^2 = 4.709$ ,  $df = 2$ ,  $p = 0.09$ ) evidencia que não há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Ainda assim, vê-se que sentenças iguais com ausência de artigo levam a respostas mais rápidas do que com a presença.

No contexto de antropônimos, a mediana de sentenças com a ausência de artigo ( $Mdn = 951$ ) é maior do que a mediana de sentenças com a presença ( $Mdn = 723$ ) – uma inversão em relação ao contexto de possessivo. Essa diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 19.211$ ,  $df = 2$ ,  $p < 0.001$ ). Falantes tendem a responder com maior tempo sentenças com antropônimos nas quais o artigo é ausente do que sentenças com antropônimos nas quais o artigo é presente ( $p = 0.009$ ) e tendem a responder com maior tempo sentenças diferentes do que sentenças semelhantes nas quais há a presença de artigo ( $p < 0.001$ ), indicando que diferenças na organização do sintagma interferem no tempo de resposta do falante.

Se as diferentes organizações da sentença podem interferir no tempo de resposta – ao menos com antropônimos –, é necessário observar o efeito da posição do possessivo e do antropônimo na sentença. Todavia, a posição do possessivo ou do antropônimo na sentença não apresenta efeito sobre o tempo de resposta do falante, por causa da não significância estatística nas diferenças das medianas tanto com possessivos em sentenças iguais ( $W = 24606.50$ ,  $p = 0.50$ ) e diferentes ( $W = 6496.00$ ,  $p = 0.64$ ), quanto com antropônimos em sentenças iguais ( $W = 26188.00$ ,  $p = 0.83$ ) e diferentes ( $W = 6032.00$ ,  $p = 0.41$ ).

A consciência da variação também depende da circunstância geográfica na qual se localiza o falante, uma vez que, exposto a diferenças, falantes reconhecem-nas como traços distintivos entre a variedade de sua comunidade e a variedade a qual está sendo exposto. A observação da variável social zona de residência permite observar se a região de origem do falante interfere em seu tempo de resposta. A análise da variável é feita considerando as variáveis presença/ausência de artigo (Figura 7) e tipo de sentença (iguais/diferentes) (Figura 8).

FIGURA 7 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente zona de residência no contexto de possessivo e de antropônimo considerando a presença/ausência de artigo

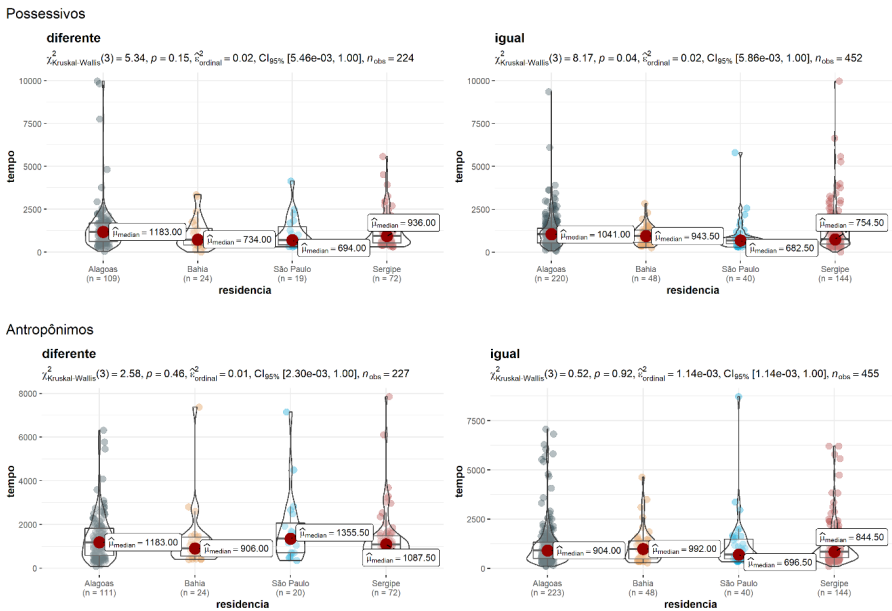


Com possessivo, nenhum dos grupos apresentou diferença estatisticamente significativa no contexto de diferente ( $\chi^2 = 5.34$ ,  $df=3$ ,  $p= 0.15$ ), de iguais com presença de artigo ( $\chi^2 = 3.40$ ,  $df= 3$ ,  $p= 0.33$ ) e de iguais com ausência de artigo ( $\chi^2 = 7.19$ ,  $df= 3$ ,  $p= 0.07$ ). De forma similar, com antropônimos, nenhum dos grupos apresentou diferença estatisticamente significativa no contexto de diferente ( $\chi^2 = 2.58$ ,  $df=3$ ,  $p= 0.46$ ), de iguais com presença de artigo ( $\chi^2 = 3.64$ ,  $df= 3$ ,  $p= 0.30$ ) e de iguais com ausência de artigo ( $\chi^2 = 1.82$ ,  $df= 3$ ,  $p= 0.61$ ). Embora os falantes de diferentes regiões apresentem tempos de resposta distintos para as condições, essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Há de se considerar, contudo, a existência de poucos dados de falantes da Bahia e de São Paulo, que pode ter interferido nos resultados por causa da pouca representatividade. A remoção desses dados resulta na significância de diferenças entre Alagoas e Sergipe no contexto de possessivos com ausência de artigo ( $W= 4716.00$ ,  $p= 0.03$ ), no qual falantes alagoanos apresentam mediana maior ( $Mdn= 1020.5$ ) do que falantes sergipanos ( $Mdn= 660.5$ ). Isso implica que participantes

alagoanos tendem a demorar mais a reconhecer similaridades quando não há um artigo antes de possessivos do que sergipanos. A relação entre a zona de residência e o tipo de sentença pode acrescentar mais informações (Figura 8).

FIGURA 8 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente zona de residência no contexto de possessivo e de antropônimo considerando o tipo de sentença



Com possessivo, há apenas diferenças estatisticamente significativas quando as sentenças são iguais ( $\chi^2 = 8.17$ ,  $df=3$ ,  $p=0.04$ ), com os dados de Alagoas e de São Paulo se diferenciando entre si ( $p=0.04$ ): falantes de Alagoas ( $Mdn=1041$ ) respondem com tempo maior do que falantes de São Paulo ( $Mdn=682.5$ ). No contexto de antropônimos, não há diferenças entre os grupos. A remoção dos dados de São Paulo e da Bahia mantém o mesmo resultado para antropônimos e possessivos.

O reconhecimento de diferenças não é influenciado pela região geográfica dos participantes da pesquisa. Em outros termos, a circunstância geográfica na qual se localiza o participante parece não ter efeito sobre as respostas dos participantes.

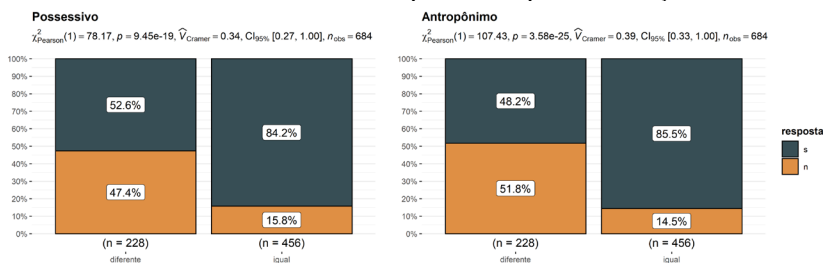


Os dados da variável categórica apresentam resultados complementares.

#### 4.2 Variável dependente categórica: resposta

O experimento pedia, ao apresentar aos falantes as duas sentenças em sequência, que respondessem se as sentenças eram iguais ou não. Os resultados dessa pergunta são apresentados nesta seção. Uma vez que há efeito de diferentes organizações da sentença (iguais/diferentes) sobre as respostas dos falantes, a variável dependente resposta será contrastada com a variável tipo de sentença (Figura 9).

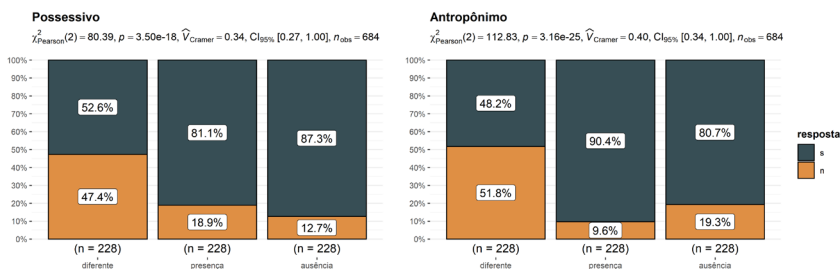
FIGURA 9 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente tipo de sentença



Em possessivos, a frequência da resposta *não* em sentenças iguais é de 15,8% (77/456): 77 frases iguais que os participantes apontaram como distintas; em sentenças diferentes, o percentual de respostas *sim* (52,6% 120/228) é maior do que o de *não*: 120 frases nas quais os falantes não reconheceram as diferenças, respondendo que elas são iguais. Essa diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 684) = 78.17, p < 0.001$ ). Contudo, a condição de diferente, não há significância entre as respostas *sim* e *não* ( $p = 0.43$ ) No contexto de antropônimos o resultado é similar: i) a frequência da resposta *não* em sentenças iguais é de 14,5% (66/456); ii) em sentenças diferentes, o percentual de respostas *sim*, ainda que menor que o de respostas *não*, é de 48,2% (110/456). Essa diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 684) = 107.43, p < 0.001$ ), mas, na condição de diferente, a diferença entre as respostas não é significativa ( $p = 0.60$ ).

A variável presença/ausência de artigo acrescenta mais informações sobre as respostas dos participantes (Figura 10).

FIGURA 10 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente presença/ausência de artigo

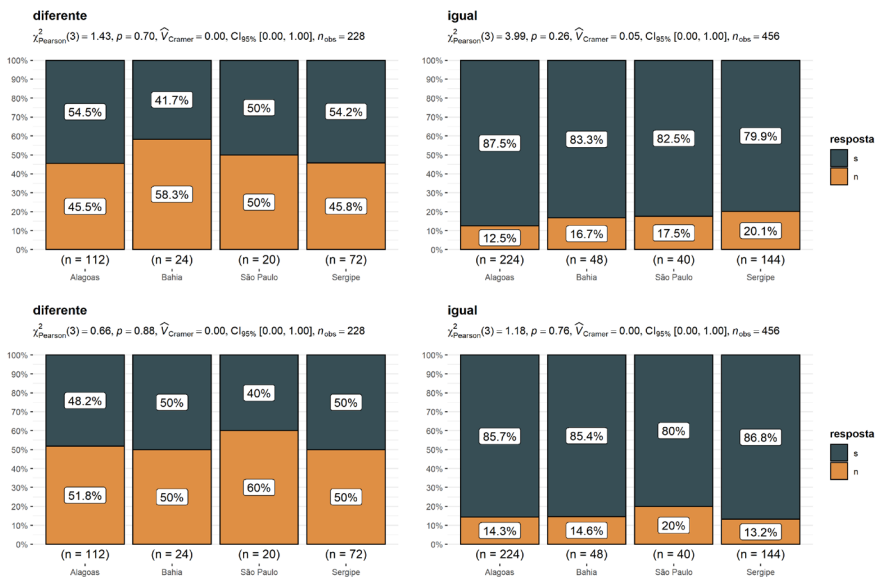


A frequência de respostas *sim* em sentenças diferentes com possessivos e com antropônimos é igual ao apresentado na Figura 10. O que interessa nessa variável é observar o efeito da presença/ausência do artigo sobre a distribuição em sentenças iguais. Com possessivo, a frequência de respostas *não* é maior quando há a presença de artigo (18,9% 43/228) do que quando há a ausência (12,7% 29/228). Essa diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 684) = 80.39, p < 0.001$ ). Com antropônimos há uma inversão: a frequência de resposta *não* é maior com a ausência de artigo (19,3% 44/228) do que com a presença (9,6% 22/228). Essa diferença também é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 684) = 112.83, p < 0.001$ ).

A presença de artigo, no contexto de possessivo, leva os falantes a reconhecerem diferenças entre sentenças iguais: 43 sentenças iguais com artigo julgadas como diferentes. Por outro lado, no contexto de antropônimo, é a ausência de artigo que tende a resultar nesse julgamento: 44 sentenças iguais sem artigo julgadas como diferentes.

Do ponto de vista linguístico, o tipo de sentença (igual/diferente) e a presença/ausência de artigo interferem nas respostas do falante. Do ponto de vista social, é possível que os dados sigam a mesma tendência da análise contínua para o efeito da circunstância geográfica nas respostas.

FIGURA 11 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente zona de residência e no tipo de sentença



A variável zona de residência segue a mesma tendência da análise numérica ao não apresentar significância estatística em nenhum contexto. As informações sociais da variação que foram controladas nesse experimento não interferem nas respostas dos participantes, diante da similaridade na distribuição dos participantes das diferentes regiões e de ambos os sexos. Além disso, como já apontado anteriormente, há um desequilíbrio entre a distribuição dos participantes quando à região de origem, o que interfere na distribuição dos dados. Mantém-se como principal condicionante para as respostas o papel linguístico da variação, i.e., a influência das diferentes estruturas para o processamento das sentenças.

### 5 Discussão dos resultados

Muitas pesquisas em sociolinguística têm tomado como enfoque o conhecimento explícito e metalinguístico de falantes sobre variáveis linguísticas e sua relação com o significado social (cf. CAMPBELL-KIBLER, 2007, 2010), questionando os falantes, diretamente, sobre suas

impressões de usos linguísticos (geralmente sobre os quais falantes são conscientes), de modo a obter informações sobre suas atitudes<sup>10</sup> em relação a esses usos. Este texto buscou seguir uma direção um pouco diferente, uma vez que procura obter evidências externas para o conhecimento da variação, traçando observar como a variação é experienciada no momento posterior ao qual ela é observada, i.e., dados experimentais *off-line*, de modo a tentar observar se falantes são conscientes da variação morfosintática, se têm conhecimento explícito da variação, tomando como enfoque o uso variável de artigo definido antes de possessivos e antes de antropônimos, fenômeno variável dialetalmente saliente.

Uma forma utilizada para observar se rearranjos distintos podem resultar em diferentes dados experimentais foram as diferentes possibilidades estruturais dos contextos variáveis. Ao observar a variável dependente numérica *tempo de resposta* com base na variável independente *presença/ausência de artigo* no contexto de possessivo e de antropônimo, vê-se que os diferentes contextos parecem ser reconhecidos de forma distinta pelos falantes, evidenciando que, embora apresentem organização morfosintática semelhante, há diferenças na decodificação. Com antropônimos, a presença do artigo parece ser mais saliente, uma vez que a decodificação é feita de forma mais rápida (respostas mais rápidas) em sentenças iguais.

Uma constante é o fato de que, em ambos os contextos, quando as sentenças são diferentes, o tempo é maior. O maior tempo de respostas em sentenças diferentes pode ser indício de que falantes reconhecem as diferenças existentes, mas que demoram a reconhecer, resultando em tempos maiores para a resposta. Em outros termos, a variação pode levar o falante a ter maior dificuldade para identificar diferenças nas sentenças.

É esperado, de fato, que o tempo de reação para estímulos diferentes seja maior do que para estímulos iguais. Com sentenças iguais a decodificação vai ser mais rápida. Em um contexto hipotético, no qual os tempos fossem maiores do que aqueles do contexto de diferentes, seria possível pensar que os participantes não reconheceram as diferenças. Nesse sentido, é notório observar que os participantes evidenciam, em algum nível, um conhecimento explícito para a variação.

---

<sup>10</sup> “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predis põem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira” (ROKEACH, 1974, p. 15).

Além disso, a consciência da variação nos contextos estaria sujeita ao material morfológico das variantes, já que, como discutido na introdução deste trabalho, a saliência de uma variante também pode ser medida pelo esforço de processamento feito pelo falante ao ser exposto aos seus traços: (i) a existência de artigo em uma sentença e em outra não demandam maior tempo de resposta – falantes demoram a responder pois ficam hesitantes quanto ao reconhecimento de diferenças existentes entre as sentenças; e (ii) a ausência de artigo leva a maiores tempos de resposta com antropônimos – a presença parece ser mais saliente, frente a velocidade de resposta. Diferentes organizações do sintagma interferem no reconhecimento do uso variável do artigo: a decodificação é afetada pelas diferentes organizações.

Mas a variação também pode se tornar parte da consciência dos falantes (parte de seu conhecimento explícito) a partir do ato de falantes entrarem em contato com uma variedade diferente daquela da sua comunidade de origem: o que não é saliente em uma comunidade geograficamente localizada pode ser saliente em outra. O contato faz com que o falante seja exposto a diferenças e, a partir dessa exposição, reconheça traços variáveis da língua. O controle da zona de residência foi a forma adotada nesta pesquisa para observar possíveis efeitos dessa exposição.

Os resultados demonstram que a informação geográfica do falante tende a não interferir nos tempos de resposta, ainda que haja uma diferença estatisticamente significativa no contexto de sentenças com possessivos iguais entre os dados de Alagoas e de São Paulo. Contudo, como já discutido, a não significância na diferença entre os grupos pode ser efeito do não balanceamento entre as regiões. Com isso, mesmo havendo diferenças entre as respostas dos falantes de diferentes regiões, essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Os dados da variável numérica apontam para duas tendências:

- (a) Falantes tendem a demorar mais a responder em sentenças diferentes, indício de demora a reconhecer as diferenças. Em outros termos, diferentes organizações da sentença com possessivo e com antropônimo interferem no (não) reconhecimento de padrões variáveis. O reconhecimento de diferenças depende da organização da sentença. Diante das medianas em contextos diferentes, vê-se que falantes hesitam no reconhecimento da variação nos contextos morfossintáticos em questão;

- (b) Considerando as medianas de tempo de resposta, as diferenças são mais reconhecíveis em possessivos do que em antropônimos; contudo, apenas com antropônimos há significância. A presença do artigo com antropônimos parece ser mais saliente, uma vez que leva a respostas mais rápidas. Com possessivos, uma vez que não há diferença estatisticamente significativa entre os contextos, não há interferência das diferentes organizações sobre as respostas dos falantes.

A variável categórica *resposta* foi outra forma encontrada para obter evidências *off-line* para o reconhecimento da variação. Considerando o tipo de sentença, vê-se que falantes ora não reconhecem similaridade entre as sentenças iguais, ainda que a frequência seja baixa, ora não reconhecem diferenças entre as sentenças distintas, com uma frequência relativamente alta. A diferença na estrutura das sentenças pode não ser reconhecível para os falantes durante a decodificação, uma vez que se altera apenas o uso do artigo definido. De forma complementar, os falantes nem sempre reconhecem igualdade em sentenças com possessivos e antropônimos.

Os diferentes contextos linguísticos operam de forma distinta na decodificação. A presença/ausência do artigo leva a respostas diferentes dos participantes a depender do elemento nominal que o procede. Os maiores erros em sentenças iguais com possessivos nas quais há artigo sugerem que falantes reconhecem mais similaridades quando não há um artigo. Com antropônimos, a frequência de erros quando há a ausência de artigo aponta que falantes são mais conscientes quando há um artigo.

Contudo, há de se considerar que, ao responder à questão, muitos dos participantes se guiaram pelas diferenças estruturais, mas há também aqueles que, provavelmente, guiaram-se pelo sentido proposto pelas sentenças. Ao considerar que as sentenças com os usos variáveis do artigo são variantes de uma mesma variável linguística, é assumido que ambas as variantes possuem o mesmo sentido ou valor de verdade. Mesmo sem conhecimento linguístico sobre esse fato, é possível que alguns dos participantes tenham considerado a pergunta (*as sentenças são iguais?*) no sentido de equivalência semântica, levando a respostas do tipo *sim* em sentenças diferentes. O que de fato guiou os participantes no momento de resposta é algo que não será possível afirmar nesta pesquisa.

Os dados da variável independente *região geográfica* demonstram que não há efeito do papel social sobre variação: não há diferença significativa entre condições com e sem variação considerando a zona de residência do falante. Isso, claro, não implica a ideia de que não há efeito da região dialetal do falante sobre o reconhecimento da variação. No entanto, com os dados obtidos por esta pesquisa, não é possível observar que a sensibilidade sociolinguística dos falantes é influenciada pelo padrão dialetal de uso do falante, além de que não é possível afirmar que falantes tenham conhecimento de uma ou outra variante, pois não há dados de fala espontânea para estabelecer contraste entre uso e percepção.

Os resultados da variável categórica seguem tendência similar aos resultados da variável numérica:

(c) A frequência de “erros” nas respostas tende a ser alta quando a sentença é diferente: falantes hesitam mais em sentenças distintas;

(d) Sentenças iguais também apresentam “erros” nas respostas. Esses erros, contudo, são diferentes considerando o contexto linguístico. Com possessivos, os erros ocorrem mais com a presença de artigo; com antropônimos, ocorrem mais com a ausência. A saliência existente em uma forma pode ser fator interferente nas respostas, já que pode existir diferentes esforços de processamento feito pelo falante ao ser exposto às diferenças no material morfológico: a ausência de artigo com possessivo aparenta ser mais saliente que a presença, por causa da menor taxa de erro. Com antropônimos, a presença aparenta ser mais saliente. As diferenças na massa morfológica (a presença do artigo com antropônimo e a ausência com possessivo) pode resultar em maior saliência de uma forma.

Falantes são conscientes da variação morfossintática no uso variável de artigo definido antes de possessivo e de antropônimo: os dados demonstram o reconhecimento da variação, o que pode ser evidência de que existe um conhecimento explícito para os diferentes usos do artigo nesses contextos linguísticos. O reportamento por meio da variável categórica reforça essa ideia, uma vez que falantes foram

capazes de identificar a variação existente, mesmo que haja uma gradação nas respostas.

Uma explicação lógica para essa gradação nas respostas é a existência de diferentes graus de experiência com as variantes que os participantes possuem: os padrões experimentados anteriormente são mais fáceis de processar do que os padrões não experimentados (cf. SQUIRES, 2016). É possível que, em algum nível, os participantes façam julgamentos com base em formas dialetais que eles mesmos não têm conhecimento. Como defende Squires (2016), formas linguísticas às quais a pessoa é exposta, mesmo diferentes das formas de produção do falante, são armazenadas na memória – não ignoradas ou descartadas. O experimento apresentado nesta pesquisa evidencia que o conhecimento das formas variantes é implicitamente ativado durante a leitura. Embora esse pensamento seja apenas qualitativo, as respostas sugerem que os participantes estavam aplicando o conhecimento existente da variável durante a tarefa de discriminação de sentenças. Existe, em certo grau, uma sensibilidade dos falantes para essas diferenças linguísticas.

## **6 Considerações Finais**

Este trabalho buscou expandir a discussão da consciência da variação com enfoque no nível morfossintático, permitindo observar, indiretamente, se falantes têm consciência da variação em dois fenômenos morfossintáticos: o uso de artigo definido antes de possessivos pronominais e antes de antropônimos. Questionou-se, para tanto, se falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos, utilizando um experimento de discriminação de sentenças, de modo a confirmar/refutar a hipótese de que, haveria o reconhecimento da variação quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos.

Os dados evidenciam que falantes nem sempre reconhecem diferenças nos contextos linguísticos, o que corrobora, em partes, a hipótese, uma vez que o reconhecimento da variação ocorreu. Entretanto, há interferência da variação no reconhecimento: o tempo de resposta é maior quando as sentenças são diferentes, e os falantes tendem a apresentar alta frequência de erro em sentenças diferentes, mas também erram em sentenças iguais. Isso implica que quando há variação, falantes ou tendem a demorar a responder ou erram em suas respostas.



Tomando como base os fenômenos abordados nesta pesquisa, observa-se que falantes são hesitantes quando há duas sentenças diferentes em sequência, o que pode ser indício de que nem sempre reconhecem a variação morfossintática. Uma vez que não há prescrição sobre as formas variantes, a (não) consciência da variação pode levar os falantes a não perceberem diferentes organizações morfossintáticas.

Por fim, pontua-se que o experimento aqui apresentado tem algumas limitações. A principal delas é contar com a memória do participante e suas habilidades enquanto leitores para a realização da tarefa: a aplicação de uma tarefa de discriminação que solicita uma resposta posterior resulta em informações variáveis, influenciadas por fatores relacionados à habilidade de leitura e à habilidade de memorização, além de outras capacidades. Os resultados podem, em algum nível, ser efeito das habilidades dos participantes na realização do procedimento.

### **Agradecimentos**

O autor deste trabalho agradece ao Prof. Dr. Julian Tejada, pela ajuda no desenvolvimento e aplicação do experimento; à Profa. Dra. Raquel Freitag, pela orientação na escrita do manuscrito e em seu encaminhamento; aos pareceristas, pela leitura cuidadosa e por todos os comentários e colocações para melhorias no texto; às editoras do dossiê, Profa. Dra. Marije Soto e Profa. Dra. Raquel Freitag, por todas as sugestões de mudanças no manuscrito; e à equipe editorial da Revista de Estudos da Linguagem, em nome da Profa. Dra. Janayna Maria da Rocha Carvalho. O autor também agradece a todos que se disponibilizaram a participar do experimento. Todos os erros remanescentes são de inteira responsabilidade do autor. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE).

### **Referências**

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 11-27.

CAMPBELL-KIBLER, K. Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions. *American Speech*, v. 1, n. 82, p. 32–64, 2007. DOI: 10.1215/00031283-2007-002” <https://doi.org/10.1215/00031283-2007-002>.

CAMPBELL-KIBLER, K. New directions in sociolinguistic cognition. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 31-39, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009. DOI: 10.1017/S0954394509000052” <https://doi.org/10.1017/S0954394509000052>.

CAMPOS JR., H. S. *A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba*. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2011.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DRAGER, K.; KIRTLEY, M. Awareness, Salience, and Stereotypes in Exemplar-Based Models of Speech Production and Perception. In: BABEL, A. (Ed.). *Awareness and Control in Sociolinguistic Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.003>.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013. DOI: 10.5007/1984-8420.2013v14n2p156” <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 2, p. 1-22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2020360206>.

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum. Language and culture*, v. 40, n. 2, p. 1-10, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41173>.

GIVÓN, T. Definiteness and referentiality. In: GREENBERG, J. H.; FERGUSON, C. A.; MORAVCSIK, E. A. *Universals of human language*, vol. 4: Syntax. Stanford: Stanford University press, 1978, p. 291-330.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*, vol 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001a.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*, vol 2. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001b.

GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.

KABATEK, J. Existe-ilun cycle de grammaticalisation de l' article dan langues romanes? In: van DEYCK, R.; SORNICOLA, R; KABATEK, J. (eds.). *La variabilité en langue*, vol. II., Les quatre variations, Gand. Communication & Cognition, (Studies in Language 8 & 9), ). 2005.p. 139-172.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 2: Social factors*. Oxford: Language in Society, 2001.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *The unobservability of structure and its linguistic consequences*. Paper presented at New Ways in Analyzing Variation (NWAY) 22. Ottawa, ON: University of Ottawa, 1993.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge:Cambridge University Press, 2006[1966].

LANGE, K.; KÜHN, S; FILEVICH, E. Just Another Tool for Online Studies (JATOS): An Easy Solution for Setup and Management of Web Servers Supporting Online Studies. *PLOS ONE*, v. 10, n. 7, p. e0134073, 2015. DOI: 10.1371/journal.pone.0134073

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. *Language Variation and Change*, v. 27, n. 3, p. 319-348, 2015. DOI: 10.1017/S0954394515000149.

MATHÔT, S.; SCHREIJ, D.; THEEUWES, J. OpenSesame: An open-source, graphical experiment builder for the social sciences. *Behavior Research Methods*, v. 44, n. 2, p. 314-324, 2012. DOI: 10.3758/s13428-011-0168-7

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and interpretation*. Oxford: John Wiley & Sons, 2008.

MOORE, E. The Social Meaning of Syntax. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. J. *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*, Cidade: Editora, 2021. p. 54-79

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

PATIL, I. Visualizations with statistical details: The ‘ggstatsplot’ approach. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 61, p. 1-5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21105/joss.03167>

PEREIRA, D. K. F. *A realização de artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú - PE*. 2017. 206f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org>. Acesso em: 06 jun. 2022.

RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development Environment for R*. Boston: MA, 2015. Disponível em: <http://www.rstudio.com>. Acesso em: 06 fev. 2023.

RÁCZ, P. *Saliency in sociolinguistics: A quantitative approach*. Berlin: Walter de Gruyter, 2013.

ROKEACH, M. Naturaleza de las actitudes. *Enciclopedia internacional de las ciencias sociales*, v. 1, p. 14-21, 1974.

ROMAINE, S. On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in sociolinguistic theory. *Folia linguistica*, v. 51, n. s1000, p. 1-29, 2017[1981]. DOI: <https://doi.org/10.1515/flin.1984.18.3-4.409>.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

SANTANA, R. R. *Tipos de tipo em uma comunidade de práticas universitária*. 85f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2019.

SILVA, G. M. O. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico: resultados sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998b, p. 265-281.

SILVA, G. M. O. *Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro*. 1982. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, G. M. O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a. p. 120-145.

SILVA, J. M. S. *Variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais: padrões dialetais e contatos*. 2020. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

SIQUEIRA, M. Efeitos do contato entre normas na variação linguística: a presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 8-33, 2020.

SIQUEIRA, M.; FREITAG, R. M. K. Can mobility affect grammar at the morphosyntactic level? A study in Brazilian Portuguese. *Organon*, v. 37, n. 73, p. 14-35, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122586>.

SQUIRES, L. Processing Grammatical Differences: Perceiving versus Noticing. In: BABEL, A. (Ed.). *Awareness and Control in Sociolinguistic Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 80-103. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.006>.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.